

Da banalidade à repressão: *uma análise estilística de “Cotidiano”, de Chico Buarque*

From the banality to the repression: a stylistics analyses of “Cotidiano”, by Chico Buarque

Beatriz Farias MENDES

Universidade Federal do Ceará
portbeatrizmendes@gmail.com



Resumo: Este trabalho busca oferecer uma análise estilístico-discursiva da letra da canção “Cotidiano”, de Chico Buarque, observando os efeitos de sentido causados pela repetição. Propõe-se analisar a letra da canção, presente no álbum *Construção* (1971), segundo a Estilística do Discurso (HENRIQUES, 2011) e com o auxílio de formulações teóricas e de trabalhos da Semiótica Discursiva (FIORIN, 1996), a fim de considerar não apenas os recursos estilísticos textuais e a imbricação das camadas discursivas na construção de sentido, mas também o contexto de produção e o meio no qual a canção está inserida. A partir de Henriques (2011), analisa-se a letra da canção ao longo deste artigo observando as diversas camadas da linguagem verbal orquestradas no gênero em questão, depreendendo a expressividade de cada camada e sua relação com o conteúdo à medida em que se torna relevante para a argumentação. Por meio deste percurso, demonstra-se como a repetição de diversos recursos expressivos, a coesão semântica responsável por formar diferentes isotopias e o contexto de lançamento da obra são responsáveis por construir a ambiguidade do texto por meio da repetição. Conclui-se então que a letra da canção transita entre a banalidade do dia a dia de um casal e a repressão da Ditadura Militar por meio da atualização de sentido do próprio texto, construindo assim, também, uma crítica social ao regime.

Palavras-chave: estilística discursiva; semiótica discursiva; canção.

Abstract: This work offers a stylistic-discursive analysis of the lyrics in “Cotidiano”, by Chico Buarque, observing the effects of meaning caused by repetition. It is proposed to analyze the lyrics, present in the album *Construção* (1971), according to the Discourse Stylistic's (HENRIQUES, 2011) and with the help of theoretical formulations and works from the French school Semiotics (FIORIN, 1996), to consider not only the stylistic textual

resources and the imbrication of discursive layers in the construction of meaning but also the context of production and the environment in which the song is inserted. Based on Henriques (2011), the lyrics are analyzed, throughout this article, observing the different layers of verbal language orchestrated in the song genre, inferring the expressiveness of each one and its relation with the content as it becomes relevant for the argumentation. Through this path, it is demonstrated how the several expressive resources' repetition, the semantic cohesion responsible for forming different isotopies and the context of the work's launch are responsible for building the text ambiguity through repetition. Taking everything into account, the lyrics transits between the banality of a couple's day-to-day life and the repression of the Military Dictatorship by updating the meaning of the text itself, thus also building a social criticism of the regime.

Keywords: discursive stylistics; discursive semiotics; song.

1 INTRODUÇÃO

À luz da Estilística da Norma, também entendida como Estilística do Discurso (Henriques, 2011), pretendemos analisar no presente trabalho os recursos linguístico-expressivos na letra da canção “Cotidiano”, de Chico Buarque (1971). Tal faixa está presente no álbum *Construção*, de 1971, o que já foi trabalhado por várias correntes estilísticas e linguísticas no geral, como no trabalho de Pereira (2020), que aponta como o álbum reitera as relações de repressão da Ditadura Militar. No entanto, restam ainda questões sobre como as relações de sentido tão apontadas são construídas. Entendemos que a alusão ao regime militar na produção de Buarque é um ponto pacífico entre analistas e linguistas e utilizamos essa base comum como mote para explorar como a ambiguidade e a plurissignificação são construídas e se sustentam singularmente em uma produção que aponta tão fortemente para um relacionamento amoroso.

Dado que recorrer “aos fatos sociais e históricos, à camada fônica, aos valores semânticos, [...] a tudo o mais que lhe pareça pertinente para tornar sua análise estilística profícua para seu leitor” é uma opção permitida ao estilólogo (Henriques, 2001, p. 78), nesta análise, desejamos perceber como se dá a alusão a esse momento histórico do álbum para a construção de sentido da letra da canção. Propomos ainda uma ligação entre o contexto e a subjetividade emotiva presente na obra, observando que o enunciador expressa a sua insatisfação sobre a relação em que vive.

O trabalho de Buarque na composição de canções, cuja utilização da língua promove a plurissignificação de seu conteúdo, resulta na expressividade singular que torna sua obra tão produtiva em estudos linguísticos. Assim, optamos por analisar a letra da canção “Cotidiano”, dada a aparente simplicidade da composição musical, que, no entanto, nos revela, uma formação precisa e coesa por meio da reiteração.

Sem abandonar o gênero discursivo em questão e o contexto de produção em que o autor estava inserido em 1971, ano em que o álbum *Construção* foi lançado, analisamos os elementos que contribuem para o efeito de sentido de cotidiano na letra da canção referida. Entendemos que é muito clara a relação de vida cotidiana e a breve narrativa que é mostrada pelo enunciador acerca da vida que leva, mas apontamos que a repetição de diferentes camadas da língua mobiliza sentidos, reforçando-os e atualizando-os a partir da repetição o cotidiano narrado.

2 O RITMO DO DIA A DIA

Dentro das possibilidades da Estilística do Discurso, faremos uso do estudo das diversas camadas de expressividade na língua abordadas pela corrente – camadas fônica, lexical, sintática e da enunciação. Encaramos as possibilidades que tal corrente permite a partir do momento em que se considera esta Estilística da Norma “como a estilística da ‘ponte’ entre *langue* e *parole*, entre a Estilística Descritiva e a Estilística Idealista” (Henriques, 2011, p. 78), incutindo em discussões de estilística fônica, lexical e da enunciação. Observamos que “a co-ocorrência das abordagens estilísticas permite a colocação de tintas mais carregadas nas questões sociais, autorais, literárias, políticas, psicanalíticas (...)” (Henriques, 2011, p. 82-83). Assim, faremos uso de algumas contribuições teóricas da Semiótica Discursiva e de trabalhos na área a fim de entrelaçar e esclarecer aspectos da construção de sentido do texto. A partir de uma análise seguindo a ordem original da letra da canção, discutiremos os níveis de expressividade a partir do que vai sendo suscitado, a fim de oferecer um panorama que dialogue com nosso objeto a partir do encadeamento proporcionado pela organização da letra da canção.

Pensando na análise que faremos a partir desta e das sessões seguintes, optamos por colocar a letra da canção até a 6ª estrofe, das onze do total, enumerando os versos, já que o que se segue é uma repetição da primeira parte:

- (1) Todo dia ela faz tudo sempre igual
- (2) Me sacode às seis horas da manhã
- (3) Me sorri um sorriso pontual
- (4) E me beija com a boca de hortelã

- (5) Todo dia ela diz que é pra eu me cuidar
- (6) E essas coisas que diz toda mulher
- (7) Diz que está me esperando pro jantar
- (8) E me beija com a boca de café

- (9) Todo dia eu só penso em poder parar
- (10) Meio-dia eu só penso em dizer não
- (11) Depois penso na vida pra levar
- (12) E me calo com a boca de feijão

- (13) Seis da tarde, como era de se esperar
- (14) Ela pega e me espera no portão
- (15) Diz que está muito louca pra beijar
- (16) E me beija com a boca de paixão

- (17) Toda noite ela diz pra eu não me afastar
- (18) Meia-noite ela jura eterno amor
- (19) E me aperta pra eu quase sufocar
- (20) E me morde com a boca de pavor

- (21) Todo dia ela faz tudo sempre igual
- (22) Me sacode às seis horas da manhã
- (23) Me sorri um sorriso pontual
- (24) E me beija com a boca de hortelã

Um dos traços interessantes de “Cotidiano” é como a letra da canção se inicia pela estrofe que será mais à frente demarcada como refrão, o qual também começa por estabelecer a padronização das demais estrofes e as marcas que dimensionam o cotidiano no qual se insere o enunciador:

Estrofe 1

Todo dia ela faz tudo sempre igual
 Me sacode às seis horas da manhã
 Me sorri um sorriso pontual
 E me beija com a boca de hortelã

Os versos da primeira estrofe seguem o esquema rimático alternado em ABAB com forte predominância da vogal [a], seja nasalizada em “manhã” e “hortelã”, seja como parte de um ditongo decrescente em “igual” e “pontual”. O primeiro e o segundo versos da estrofe são dodecassílabos (ex: To-do-di-ae-la-faz-tu-do-sem-prei-gual), sendo o terceiro e o quarto decassílabos (ex: Me-so-rri-um-so-rri-so-pon-tu-al). Percebemos que tal métrica se estende para o refrão — primeira estrofe — e para a segunda estrofe, mudando levemente da terceira à quinta estrofe para um esquema de primeiro verso dodecassílabos e três versos decassílabos:

Terceira estrofe

- 1º Todo dia eu só penso em poder parar (11)
- 2º Meio-dia eu só penso em dizer não (10)
- 3º Depois penso na vida pra levar (10)
- 4º E me calo com a boca de feijão (10) (*marcações nossas*)

Compreendemos ainda que, tratando-se de canção, a métrica pode variar dependendo do uso que o intérprete lhe confere na hora da performance ou da gravação, sendo apresentada aqui a que podemos depreender a partir da gravação presente no álbum *Construção* (1971). Compreendemos que o compositor se utiliza de uma métrica que tende parecer padronizada ao longo de toda a letra, seguindo um mesmo esquema rimático em todos os versos — ABAB — e uma métrica que, senão igual, é muito próxima entre si, de modo que o trabalho acerca do plano da expressão se torna articulador da repetição e encaminha o que a letra da canção tratará no plano do conteúdo. Como aponta Lemos, Carmo Jr e Shimoda (2018), é na íntima imbricação entre melodia e letra “que se tece a

peculiaridade da linguagem da canção”, caracterizando-a sobretudo como um objeto de estudo sincrético (Lemos; Carmo Jr.; Shimoda, 2018, p. 224).

Além de todos os versos terminarem em oxítonas, o primeiro e terceiro verso de cada estrofe terminam com a forte pronúncia da vogal aberta [a], com “R” glotal sendo apagado em palavras como “parar” e “levar”. Este recurso não apenas aproxima a canção da fala popular, mas também cria uma impressão de amplitude. Além disso, a repetição da vogal [a] tônica no 1º e no 3º verso de cada estrofe resulta na presença da vogal em todos os versos ímpares, colaborando com a marcação do ritmo através da alternância criada. A noção de cotidiano implica justamente em um conjunto de ações feitas repetidamente durante um longo período, organizando a vida do sujeito, de certo modo, em torno de uma repetição. Ao analisar a camada fônica da letra, chegamos na repetição de uma série de ocorrências linguísticas. Essa camada fônica não apenas é coesa no âmbito sonoro, mas também estabelece um ritmo padronizado sem grandes variações de intensidade ou de entonação - na interpretação feita por Buarque no álbum de 1971.

Apoiados em Lemos, Carmo Jr e Shimoda (2018), notamos que a letra, tomada como objeto de estudo, sincretiza não apenas dois domínios — a letra da canção e a melodia — mas também utiliza o plano da expressão para direcionar e reforçar o que é expresso no plano do conteúdo. Paralelamente às ações que marcam o dia a dia narrado na canção, a expressividade em língua portuguesa é responsável por incutir o efeito de recorrência a ser enunciado na sequência de ações.

3 TODO DIA, O DIA TODO

Ao passarmos para o nível lexical, percebemos que a estruturação da letra da canção segue um percurso que começa por demarcar no primeiro verso de cada estrofe uma noção temporal que se estende e se condensa a fim de exprimir aquele cotidiano. Nos versos de número 1, 5 e 9 temos a repetição da expressão “todo dia” que começa marcando a noção de dias consecutivos e repetitivos, mas que tem sua noção atualizada fortemente a partir dos versos seguintes. No caso do primeiro e do segundo versos — “*Todo dia* ela faz tudo sempre igual/ Me sacode às *seis horas da manhã*” — e do nono e do décimo — “*Todo dia* eu só penso em poder parar/ *Meio-dia* eu só penso em dizer não” — temos a inserção de elementos que se inserem para transmitir a repetição dos dias consecutivamente, como “todo dia”, mas também no percurso do dia singular que é vivenciado por aquele sujeito, como “meio-dia” e “seis horas da manhã”. As estrofes que se seguem passam então a demarcar o dia vivenciado por aquele enunciadador,

saindo do plano do cotidiano — dias consecutivos — para o plano do dia singular e vivenciado, como é o caso dos versos 13 e 17 que iniciam suas respectivas estrofes: (13) “*Seis da tarde*, como era de se esperar” / [...] (17) “*Toda noite* ela diz pra eu não me afastar”. Observamos ainda que todos os verbos após as locuções adverbiais “todo dia” e “toda noite” estão unicamente no presente do indicativo, tempo cujo valor linguístico não demarca claramente a duração entre a parcela de tempo da enunciação e o momento de referência¹ que está relacionado a ela (Fiorin, 1996, p. 149). Nesse sentido, percebemos que o momento mencionado na enunciação do dia é caracterizado por expressões que generalizam, ao mesmo tempo em que conferem um sentido de continuidade. Isso faz com que o leitor não tenha clareza sobre onde começa e onde termina a ação.

Quando chegamos à repetição do refrão, dos versos 21 a 24, acabamos de receber, como enunciatários e ouvintes, o panorama de um dia — ou um dos dias — daquele enunciator junto à companheira, que retoma o papel de esposa e dona de casa. Recebemos em seguida a repetição do que fora apresentado, a qual já se fazia presente no plano da expressão pelas rimas e alternâncias, de modo que aí se instaura a ideia de cotidiano por meio das locuções adverbiais e do tempo verbal. Buarque consegue demonstrar então a vida de uma pessoa comum, estendendo aos olhos do leitor uma visão singular — de um dia — e ao mesmo tempo ampla — de todos os dias — de um sujeito trabalhador, sendo esse cotidiano atualizado pela própria letra da canção, como demonstraremos nas próximas sessões.

4 A BOCA CHEIA DE FEIJÃO

Dado que a análise estilística exige não apenas uma compreensão profunda do enunciado mas também das particularidades do gênero em que se insere (Henriques, 2011, p. 83), entendemos que considerações sobre o gênero letra de canção em um álbum produzido durante a ditadura militar se fazem importantes nesta análise. Enquanto uma das canções mais conhecidas do álbum *Construção* (1971), “Cotidiano” narra, como as demais canções lançadas na época, a vida de um trabalhador brasileiro pelo olhar do próprio sujeito. A construção discursiva desse enunciator como parte da massa se dá tanto pela comida que ele ingere, no caso o feijão no almoço — (10) “Meio-dia eu só penso em dizer não” / (...) (12) “E me calo com a boca de feijão” — quanto pelo dia a dia com deveres e hora marcada. Tanto essas

¹ Ressaltamos que o momento de referência é um ponto marcado no enunciado, preciso, o qual pode ser concomitante, ou não-concomitante, em relação ao momento da enunciação, que é aquele em que o enunciado ocorre (Fiorin, 1996, p. 146-149).

figuras quanto a preocupação com o futuro — “depois penso na vida pra levar” — e a sugestão de que o enunciador acorda, almoça e volta para casa dentro do que é estabelecido para o horário comercial — “Me sacode às *seis horas da manhã*”, “*Meio-dia* eu só penso em dizer não”, “*Seis da tarde*, como era de se esperar” —, por estarem juntas e relacionadas neste texto, fazem parte de uma isotopia comum de trabalho. Enquanto uma recorrência ou reiteração de traços semânticos ao longo do discurso, a isotopia se dá de modo a fazer o texto coerente semanticamente (Fiorin, 2021, p. 112). Afirmamos que é, tanto pela presença desses elementos que apontam para uma vida moldada ao que se aponta como o horário comercial, quanto pela ausência de qualquer tipo de liberdade de escolha acerca desse cotidiano, que se reitera a isotopia de trabalho na composição. No entanto, é importante destacar que a letra da canção enfoca principalmente as ações de uma mulher. Marcada pelo pronome pessoal feminino “ela” na enunciação, essa figura assume o papel de dona de casa ao cuidar do lar e do dia a dia de um homem que sai para trabalhar toda manhã e a quem ela espera retornar ao lar — “(13) Seis da tarde, como era de se esperar/ (14) Ela pega e me espera no portão”. Assim, uma isotopia do relacionamento amoroso também se faz presente na composição.

Podendo ser vista como mote do texto, essa figura feminina está sempre *em relação ao* sujeito enunciador, sobre o qual percebemos os sentimentos a partir da percepção dele sobre ela. Nesse sentido, o elemento da boca se torna ponto central para a expressão da subjetividade dos sujeitos envolvidos enquanto elemento que aponta para relações ambíguas ao longo da letra. Por meio da boca, são enunciados tanto os momentos do dia quanto os sentimentos e ações dos sujeitos envolvidos, de modo que a ausência desse uso também é perceptível.

O último verso de cada estrofe, incluindo o refrão, dedica-se a relacionar a boca com o sujeito, em mais um movimento de repetição que confere ritmo à letra da canção ao mesmo tempo que é responsável por encaminhar os momentos do dia. Na primeira estrofe, após acordar o companheiro, a mulher lhe “(3) *sorri um sorriso pontual*/ (4) E me [o] beija com a *boca de hortelã*”, instaurando a recorrência por meio da pontualidade e do momento da manhã, o qual, por meio de uma relação metafórica, podemos entender que é logo após acordar e escovar os dentes, ações que são suprimidas pelo resultado que é a boca com gosto e cheiro de hortelã. Na estrofe seguinte, no último verso — “(8) E me beija com a boca de café” — a chamada “boca de café” marca a ação seguinte ao acordar que é tomar café da manhã, além de ser a mesma boca que diz recomendações próprias de uma despedida: “(5) Todo dia *ela diz* que é *pra eu me cuidar*/ (...) (7) *Diz* que está me *esperando pro jantar*”.

A partir da terceira estrofe temos a primeira, e única, mudança de fato na pessoa em que reside o foco do discurso, pois, ao invés de narrar as movimentações da figura feminina, o enunciador se detém sobre si, na primeira pessoa, e temos acesso a seus pensamentos marcados como tal: “(9) Todo dia *eu só penso* em poder parar/ (10) Meio-dia *eu só penso* em *dizer não*/ (11) Depois *penso* na vida pra levar”. Mesmo sendo a única estrofe em que o enunciador se coloca como foco do discurso e não como um tema em relação a outro, observamos que ainda assim, na letra, ele não chega a dizer nada na situação enunciada. Todos os usos da boca são concedidos à mulher, pois é ela que diz e que beija, enquanto o sujeito enunciador nunca se utiliza da boca e se mantém apenas no plano cognitivo, utilizando a própria boca apenas para frear os sentimentos e impedir que eles cheguem ao âmbito pragmático: “(12) E *me calo* com a *boca de feijão*”.

Podemos considerar esta estrofe como uma quebra na harmonia discursiva que vai sendo construída na letra da canção e sobre a qual reside seu maior ponto de diferenciação. Após essa mudança no foco da enunciação e a demonstração da insatisfação do enunciatário, observamos sua volta para casa apesar da “vontade de dizer não”, a qual não aponta para um outro caminho específico, mas instaura a existência de uma vontade de mudança.

Construção (1971) foi escrito logo após o retorno de Buarque do exílio e apresenta canções que denunciam a onda de violência e de repressão do período pós 1968 no Brasil (Pereira, 2020). Como aponta Moema Sarrapio Pereira, as canções presentes no álbum “revelam as desigualdades sociais e econômicas do país por meio de figuras marginais; por outro, apontam um discurso cifrado que revela, em suas entrelinhas, a falta de liberdade de expressão das pessoas e os silenciamentos forçados” (Pereira, 2020, p. 4). Assim, a letra da canção “Cotidiano” acaba por nos apontar para o cerceamento de possibilidades do enunciador por meio dessa boca que se cala com feijão, aludindo aos cotidianos de muitos outros brasileiros da época que, sem saídas, continuam todo dia, sempre iguais.

5 DA REPETIÇÃO À ATUALIZAÇÃO

Como já dissemos anteriormente, a alternância de rimas terminadas em [a], sendo todas terminadas em palavras oxítonas, juntamente à métrica, colaboram para a construção do ritmo repetitivo e padronizado da letra da canção. Tais efeitos expressivos são mantidos mesmo na estrofe em que há uma quebra na continuidade que se construía na enunciação e nas estrofes que se seguem. Chegando ao fim do dia narrado, voltamos à enunciação com foco na mulher e a partir da quarta e

da quinta estrofes a boca é usada como figura de linguagem para expressar os sentimentos dessa figura feminina, em uma metonímia de parte pelo todo: “(16) E me beija com a *boca de paixão*/ (20) E me morde com a *boca de pavor*”. A partir da estrofe analisada, observamos que a enunciação volta para a figura feminina agora percebendo o descompasso que há entre os dois sujeitos, de modo que a boca dela diz, beija e morde enquanto a dele apenas se cala. A utilização do pronome pessoal “me” reforça ainda a posição passiva do enunciador enquanto objeto da ação, deixando à companheira todos os esforços afetivos.

Chegamos então a um ponto importante da ambiguidade da letra em que todos os elementos observados remetem à isotopia de relacionamento, de modo que se ligam à vida afetiva do casal quando a enunciação focaliza na figura feminina. No entanto, quando a enunciação focaliza na figura masculina, há a alusão à vida no sentido amplo — “(11) Depois penso na vida pra levar” — e ao feijão, sobre o qual já comentamos retomar a isotopia de trabalho.

Nesse sentido, podemos interpretar o descontentamento expresso na terceira estrofe a partir de duas referências: se seguirmos a partir dos elementos que remetem à isotopia de relacionamento amoroso — que está fortemente tematizada a partir da retratação da vida conjugal e dos desejos expressos pela figura feminina — podemos entender esse descontentamento como a ausência de desejo da figura masculina em relação à parceira e a falta de poder ou de condições para pôr fim à relação; no entanto, quando enlaçamos a isotopia de trabalho suscitada pelo texto ao contexto histórico, podemos interpretar tal descontentamento como uma mutilação das vontades e dos desejos do sujeito ao pensarmos a vida que se fazia presente na época em meio ao cotidiano de repressão. Não observamos nenhuma marca discursiva de repulsa no enunciador em relação à companheira — o que temos é a ausência, inclusive, do sujeito como um todo. Compreendemos então que, além das isotopias que permitem interpretar o texto a partir de dois pontos de vista, independente de qual deles escolhamos, o tema da repressão e da mutilação das vontades do sujeito se faz presente em ambas.

Na sexta estrofe, seguindo a ordem da letra, chegamos à repetição do refrão, que se segue à repetição dos versos anteriores. A partir daí podemos apontar que essa repetição ganha a função de narrar outro dia na vida desse enunciador - que é igual ao dia anterior - e de, principalmente, reforçar a condição de aprisionamento do sujeito no cotidiano vivido. A discrepância expressa não gerou uma fratura perceptível uma vez que podemos compreender que, novamente, “ela faz tudo sempre igual”.

Além disso, a repetição do refrão ocorre logo após o pedido da mulher de que ele nunca se afaste, marcando o medo de que a relação acabe ou, mais especificamente, de que ele vá embora: “(17) Toda noite ela diz *pra eu não me afastar*/ (18) Meia-noite ela jura eterno amor/ (19) E *me aperta* pra eu quase sufocar/ (20) E me morde com a boca de pavor”. O refrão aparece em seguida como um elemento que afirma a repetição da conjuntura em que os dois sujeitos se encontram em cada dia e no conjunto de semanas, meses ou anos que resulta da junção desses dias. A utilização do presente do indicativo na maior parte da letra cria o efeito de sentido de tempo durativo, permeando os acontecimentos, e implica em uma não-marcação de um momento específico ao qual se refere, de modo que reforça uma continuidade que não é interrompida temporalmente em momento algum. Desse modo, a repetição da letra da canção demarca tanto os amores e os incômodos que se repetem, quanto a postura de levar a vida apesar da falta de harmonia evidente que existe entre os dois, já que, todos os dias, tudo ocorre novamente e nada de diferente ocorre para que esse cotidiano seja interrompido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo dos diversos níveis de expressividade na língua portuguesa, observamos na letra da canção “Cotidiano” a transposição da impressão de repetição e de dia a dia para as diversas camadas da língua. Observamos a construção de uma unidade de significação que é coerente e coesa em todas essas camadas, de modo a exprimir contundentemente o que é habitual na vida de um brasileiro durante os Anos de Chumbo. Por meio das rimas alternadas em terminação de [a], da métrica e da repetição de expressões como “todo dia” e “e me beija”, o compositor constrói no plano da expressão relações de padronização e de previsibilidade ao enunciatário, fazendo da letra um texto fluido e rítmico, sem atritos, que beira à normalidade e ao comum — como é a vida do enunciador da canção expressa no plano do conteúdo.

Quando chegamos ao plano do conteúdo, observamos ainda a ambiguidade que se faz presente pois os temas e as figuras envolvidas em parte apontam para uma isotopia de relacionamento amoroso, em parte apontam para a isotopia de trabalho: é incerto e ambíguo a qual dessas isotopias a insatisfação do enunciador se dirige. Além disso, também no plano do conteúdo, a própria repetição atualiza e reforça o sentido. Apesar da valoração negativa dada pelo enunciador à vida — transposta metaforicamente por uma boca que se cala com o que há para comer — e do descompasso passional entre este e a companheira, constrói-se o efeito

de repetição dos dias com as mesmas ações por tempo indeterminado e a repetição dos versos e do refrão reitera a impossibilidade desse incômodo do sujeito gerar qualquer fratura.

A noção de “cotidianidade” é tão forte que se apresenta em todas as camadas discursivas da letra da canção, ao mesmo tempo que é tão forte quanto repressora. Podemos entender que a repressão da Ditadura chega a ser tão profunda que adentra a vida afetiva daqueles que estão sob seu poder, mas que, expressa nessa composição, ganha os contornos da banalidade que se faziam necessários para driblar a censura.

Portanto, podemos concluir que Buarque se utiliza da repetição como uma forma de banalizar e ao mesmo tempo de reforçar o circo fechado em que se encontra o enunciador de “Cotidiano”, preso em seu próprio dia a dia, por meio de recursos fonológicos, lexicais e enunciativos que constroem reiterações e ausências, as quais ampliam os sentidos da língua e marcam tão reconhecivelmente o estilo do artista.

REFERÊNCIAS

COTIDIANO. Intérprete: Chico Buarque. Compositor: Chico Buarque. *In: Construção*. São Paulo: Philips Records, 1971. 1 CD, faixa 2. Disponível em: <https://music.youtube.com/watch?v=dHYOVuq_Fco&feature=share>. Acesso em: 11 jun. 2023.

FIORIN, José Luiz. Do tempo. *In: As astúcias da enunciação*: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996, p. 132-155.

FIORIN, José Luiz. Semântica Discursiva. *In: Elementos de análise do discurso*. 15 ed, 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021, p. 89-112.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Estilística e discurso**: estudos produtivos sobre texto e expressividade. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

LEMONS, Carolina Lindenberg; CARMO JR, José Roberto do; SHIMODA, Lucas Takeo. A interação entre expressões na canção: repetições e hierarquias. *In:*

LOPES, Ivã Carlos; SOUZA, Paula Martins de (org.). **Estudos semióticos do plano da expressão** [recurso eletrônico]. São Paulo: FFLCH/USP, 2018, p. 222-241. 8556 Kb; PDF

PEREIRA, Moema Sarrapio. Construção, de Chico Buarque: a (outra) história cantada. **Revista MEMENTO**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 1-21, 2020.

MENDES, BEATRIZ FARIAS. DA BANALIDADE À
REPRESSÃO: UMA ANÁLISE ESTILÍSTICA DE
"COTIDIANO", DE CHICO BUARQUE.
ENTREPALAVRAS, FORTALEZA, v. 13, n. 3, e2720,
p. 84-96, SET.-DEZ./2023. DOI:
10.22168/2237-6321-32720